

Este trabalho faz uma análise da abundante documentação iconográfica e textual produzida Assíria, no I milênio a.C., que fornece informações sobre as representações da morte nas campanhas militares empregadas pelos reis Assírios, com o objetivo de estabelecer sua hegemonia política sobre vários territórios do Antigo Oriente Próximo. Percebemos que na maior parte dos relevos os inimigos aparecem sendo subjugados e torturados antes da morte que é efetuada como um suplício. A metodologia para interpretações das imagens foi realizada pelo processo de análise visual em iconografia e iconologia. Realizamos uma identificação e uma posterior seleção de imagens dos relevos assírios concernentes a três soberanos Assírios: Aššurnazirpal II (883 – 859 a.C), Senaqueribe (704 – 681 a.C), e Aššurbanipal (668 – 631 a.C). Neste período, dentro do programa visual real, observa-se uma preocupação especial com a execução dos reis e oficiais inimigos. Parte da documentação iconográfica analisada apresenta os soldados adversários mortos por flechas ou decapitados. Neste sentido, o ato da decapitação, as cabeças cortadas e os corpos mutilados dos soldados são os motivos artísticos que mais se repetem nas cenas dos relevos. Essa repetição ressalta, de forma significativa, o caráter propagandístico dessas representações que elaboravam aos olhos do espectador uma visão do terror que a guerra, demonstrando o destino que esperava aqueles que ousassem se rebelar ou não aceitar a dominação assíria. A morte, neste caso, é uma consequência da guerra, as decapitações também tinham um caráter utilitário, pois serviam para contabilizar o número de mortos que seria mencionado nas contas reais assírias. Em contrapartida, os assírios são sempre representados como vitoriosos nos relevos de guerra, não há imagens de derrotas ou soldados assírios mortos. (CNPq/ FAPERGS/ULBRA)